

# A FORMAÇÃO DO GOSTO DO LEITOR INICIANTE NO LIVRO DIDÁTICO – UM ESTUDO DA COLEÇÃO *LINHAS & ENTRELINHAS* (2004)

*Fabíola de Freitas Pimenta. (G-UEMS)  
(PIBIC/PROPP/DP-UEMS)*

*Dr.<sup>a</sup> Estela Natalina Mantovani Bertoletti. (UEMS)*

**Resumo:** Apresentam-se neste texto resultados parciais de pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida com Bolsa PIBIC/UEMS desde agosto de 2007, sobre a formação do gosto do leitor iniciante na escola, analisando criticamente a Coleção *Linhas & Entrelinhas* (2004), com o seguinte objetivo: fazer um levantamento dos autores e textos de literatura infantil que são lidos nos anos iniciais do ensino fundamental, oferecendo subsídios para se pensar e se repensar a formação do gosto do leitor.

**Palavras-chave:** Leitura. Formação do gosto. Literatura infantil. Livro didático. Escolarização da leitura.

**Abstract:** They are presented in this text resulted partial of research of developed Scientific Initiation with Stock market PIBIC/UEMS since August of 2007, on the formation of the taste of the beginning reader in the school, analyzing criticamente the Collection Lines & Space between lineses (2004), with the following objective: To make a survey of the authors and texts of infantile literature that are read in the initial years of basic education; offering subsidies to think themselves and if to rethink the formation of the taste of the reader.

**Key words:** Reading. Formation of the taste. Infantile literature. Didactic book. Escolarização of the reading.

## 1. Introdução

O meu interesse pela literatura infantil teve origem nas aulas de Linguagem e Literatura Infantil do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), sobretudo pelas reflexões havidas na disciplina, sobre a importância da leitura e a necessidade de formação do gosto do leitor, na escola. Como acadêmica e futura professora, percebi a urgência de aperfeiçoamento no tema, a fim de contribuir para sanar as deficiências ocorridas com relação à leitura, principalmente, originadas na sala de aula.

Sabe-se que a leitura não pode ser considerada apenas como conteúdo escolar, no entanto, compreende-se, também a escola, como lugar privilegiado de institucionalização dessa prática social. Na escola, porém, o ensino da leitura se dá, sobretudo, pelo uso do livro didático, apesar dos avanços nos estudos e pesquisas das áreas lingüística e educacional que condenam o ensino centrado nesse instrumento de ensino.

O que ocorre é que, muitas vezes, esse é o único material de leitura a que algumas crianças têm acesso, devido à escassez de bibliotecas em algumas escolas e mesmo em alguns municípios, ou até por falta de informação com relação à importância da leitura e à necessidade de leitura de uma diversidade de gêneros que circulam socialmente.

Desse modo, a presente pesquisa pretende fazer um estudo crítico da literatura infantil contida na Coleção *Linhas & Entrelinhas*, a fim de constatar quais os autores e textos que formam e estimulam o gosto do leitor iniciante, na escola, por meio dessa Coleção.

Esta pesquisa dialoga diretamente com pesquisa desenvolvida pela professora Dr.<sup>a</sup> Estela Natalina Mantovani Bertoletti, intitulada *Ensino da Leitura no Brasil: sobre a formação do gosto*<sup>1</sup>. Em virtude disso, optei por uma abordagem de fundo histórico do tema que propicie a produção de objetos de estudo e sua identidade e que permitam compreender o presente em sua diversidade e historicidade; a pesquisa não tem intenção, assim, em julgamento de valor, mas tem como objetivo compreender para interpretar e explicar fatos e fenômenos que, no caso específico, envolvem o ensino da leitura – formação do gosto, em relação ao que se lê e como se lê, na escola. Com isso, contribui-se também para a expansão do campo do conhecimento da leitura e da literatura infantil, com a formação de pesquisadores capazes de compreender a problemática do ensino da leitura e com a busca de soluções para esse ensino, tendo como método de análise, o estudo crítico da Coleção *Linhas & Entrelinhas*, mediante análise da configuração textual.

## 2. A leitura da literatura infantil no livro didático.

Conforme Martins (2004), “A leitura vai além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. [...]”. (MARTINS, 2004, p. 32). A mesma autora, ainda, complementa que “Em face disso, aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. [...]”. (MARTINS, 2004, p. 34).

De acordo com Silva (2003, p. ), a leitura é de grande importância para a libertação do povo brasileiro e auxilia no processo de reconstrução de nossa sociedade. Ele ainda complementa: “O ato de ler é, fundamentalmente, um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens, explicando-as”.

Sabemos que a leitura nos proporciona conhecimento, desse modo, aprendemos a perceber as relações que existem entre o mundo da natureza e dos homens, podendo assim explicá-las. Tornando-se reveladora, a leitura combate a ignorância e a alienação, que são impostas pelo regime dominante. (SILVA, 2003).

Villardí (1999) complementa:

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (VILLARDÍ, 1999, p. 4).

Com isso, podemos considerar a leitura como Martins (2004):

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 2004, p. 30).

---

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa cadastrado junto à PROPP/UEMS, sob n.º. 07.785/07.

Conforme Silva (2003), as crianças encontram muitas dificuldades para sua formação de leitor devido à falta de livros, tanto em casa, como na escola e na biblioteca, impedindo-as de associar o que se lê ao seu cotidiano, fazendo-as detestar, desde cedo, a leitura.

Com esses problemas relacionados à formação do gosto do leitor, Kleiman (2002), faz uma citação importante para a conscientização dos educadores:

[...] Referimo-nos, por exemplo, ao lugar cada vez menor que a leitura tem no cotidiano do brasileiro, à pobreza no seu ambiente de letramento (o material escrito com o qual ele entra em contato, tanto dentro como fora da escola), ou ainda, à própria formação precária de grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler. (KLEIMAN, 2002, p.15).

Mediante análise da história da leitura na sociedade, conclui-se que há injustiça social e que sempre existirá o benefício de classe, como complementa Silva (2003).

A tão propalada “crise da leitura” não é uma doença destas últimas décadas e nem deste século: ela vem sendo reproduzida desde o período colonial, juntamente com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas e com a inexistência de políticas concretas para a popularização do livro. (SILVA, 2003, p. 12).

Sabe-se da carência do uso adequado da leitura em sala de aula, conforme afirma Martins (2004): “Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade”. (MARTINS, 2004, p. 23). Ou, como ensina Lajolo (1999):

O problema é que atividades sugeridas indiferenciadamente para muitos milhares de alunos, distribuídas em pacotes endereçados a anônimos e despreparados professores, passam a representar a varinha mágica que transformará crianças mal alfabetizadas e sem livros disponíveis em bons leitores. (LAJOLO, 1999, p. 72).

Conforme Bamberger (2002), “[...] a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade”. (BAMBERGER, 2002, p. 10). Segundo Brandão e Micheletti (2001) “A leitura predominante na sala de aula se dá em textos extraídos do próprio livro didático, o que demonstra um empobrecimento na dinâmica das aulas. [...]”. Já para Foucambert (1994) “Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico. [...]”.

Enfim a leitura é

[...] embriaguez, volúpia, fissuração, mergulho vital e empurrante, queixo caído com o inesperado, surpresa da descoberta de um jeito de ser que nem sabia que podia se ter, emoção escorregando pelos poros, suspiros com a poetura... Sem nenhuma cobrança que não as próprias. Sem fichas pra responder, sem prova checar se cada detalhe desimportante foi atentamente observado, sem mês determinado para ficar acompanhado daquele volume e não de outro muito mais cobiçado e desejado. (ABRAMOVICH, 1999, p. 63).

[...]

Leitura é paixão, é entrega, tem que ser feita com tesão, com ímpeto, com garra. De quem lê e de quem indica. Com trocas saboreadas e não com perguntas fechadas e sem espaço pra opinião própria, pensada, sentida, vivida. Senão, é só pura obrigação. E aí, como tudo o mais na vida, não vale a pena. Mesmo. (ABRAMOVICH, 1999, p. 64).

## 2.1 O papel da literatura infantil na formação do gosto do leitor.

A minha preocupação baseia-se na utilização da escolarização adequada, formando o gosto do leitor, mesmo na mais tenra idade, usufruindo assim, de todos os benefícios que a literatura infantil, traz para o ser humano, como ressaltam alguns estudos e pesquisas do gênero.

A leitura não deve ser apresentada de forma obrigatória, mas sim proporcionar prazer, e para isso é necessário que para se ler, deva-se gostar de ler, pois “O amor pelos livros não aparece de repente. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles lhe podem oferecer. [...]”. (SANDRONI; 1998).

Abramovich (2003), diz que “Literatura é arte, literatura é prazer. [...]”. (ABRAMOVICH, 2003, p. 148). Já de acordo com Cadermatori (1994), “[...] A convivência com os textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico”. (CADEMARTORI, 1994, p. 19).

Assim, na medida em que a *interpretação de texto* não se vem apresentando como uma opção viável para o desenvolvimento das habilidades de leitura, já que os problemas perduram, cremos que *cabem ao trabalho com o livro de literatura infanto-juvenil, na escola, um papel fundamental e privilegiado na formação de leitores*. (VILLARDI, 1999, p. 6, grifos do autor).

[...]

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo. (ABRAMOVICH, 2003, p. 143).

Afora essas constatações, pode-se ver a situação caótica da leitura em nossos dias, a origem de seus problemas, a necessidade de professores formados, e, de acordo com a concepção dos autores aqui citados, a grande relevância que a literatura infantil tem para a formação do gosto do leitor.

A literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação (BRANDÃO; MICHELETTI 2001, p. 22- 23).

Conforme Oliveira (1991), “De modo geral, a função mais marcada da literatura infantil é a função lúdica. A criança lê para distrair-se, divertir-se; a leitura é como um brinquedo que vai deixar lembranças, que muitas vezes são revividas no futuro”. Ela ainda acrescenta “A literatura infantil tem função recreativa: distrai, diverte, promove momentos de emoção. Terminada a leitura ficam lembranças agradáveis, que às vezes perduram no envolver do gosto literário”.

[...] Livros, revistas, quadrinhos, jornais, material de propaganda, tudo deve chegar à mão do aluno, ou melhor, deve estar disponível, a seu alcance no espaço da sala de aula ou da sala de leitura; e histórias, muitas histórias, lidas e contadas, em diferentes momentos, sob diversos enfoques. A perspectiva é válida, até porque a

diversidade pode, inclusive, ajudar a trazer crianças mais resistentes, já marcadas pelo “desvio” operado pela escola, para mais perto do mundo da linguagem escrita. [...]. (VILLARDI, 1999, p. 6).

[...]

Claro está que, como todos sabemos, o professor deve procurar oferecer ao aluno os mais variados tipos de texto, a fim de que se familiarize com os diferentes tipos de discurso. Porém, o texto literário, em função do caráter específico de sua estrutura de linguagem, deve ocupar um lugar prioritário em relação ao trabalho desenvolvido na escola. [...]. (VILLARDI, 1999, p. 6).

Segundo Brandão e Micheletti (2001, p. 26) “[...] A escola deveria, desde as séries iniciais, encarar a literatura como atividade produtiva no sentido mais amplo”.

A literatura dialoga com leitor dando assim vida e significações. (BRANDÃO e MICHELETTI, 2001). Com isso, o autor complementa “A literatura integra diversos prazeres: o da criação, o da ação, o do conhecimento, o do bem-estar interior, o do lazer – que se condensam na *fruição*; a escola pode ser séria sem ser sisuda e enfadonha. [...]”.

## 2.2 Problemas da escolarização da literatura infantil.

Em relação à incorporação da literatura infanto-juvenil na escola, Abramovich (2003), assegura:

Tudo bem... A literatura infanto-juvenil foi incorporada à escola e, assim, imagina-se que – por decreto – todas as crianças passarão a ler [...]. Até que poderia ser verdade, se essa leitura não viesse acompanhada da noção do dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento [...] (ABRAMOVICH, 2003, p.140).

Essa problemática é considerada também por Soares (2003). De acordo com essa pesquisadora, a escolarização da literatura infantil, consiste na apropriação dessa literatura pela escola, que a escolariza, didatiza-a, pedagogiza-a, atendendo assim, a seus próprios fins, tornando-a, desse modo, uma literatura escolarizada. Por outro lado, existe a perspectiva de literalizar a escolarização infantil, que consiste na produção de literatura destinada a crianças, para a escola e seus interesses.

Soares (2003) ainda complementa:

[...] mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o [...]. (SOARES, 2003, p. 22).

[...]

[...] aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura. (SOARES, 2003, p. 25).

De acordo com Soares (2003), ainda, a escolarização adequada seria “[...] aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de um leitor que se quer formar [...]”. (SOARES, 2003, p. 25).

E essa escolarização da literatura infantil se faz no contexto mais amplo por meio do livro didático, como ressalta Martins (2004):

Seria preciso, assim, investigar os inúmeros fatores determinantes dessa situação entre os quais ressalta o de a leitura, como em regra a entendem, estar limitada à escola, com a utilização preponderante dos chamados livros didáticos. Como, principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler

e escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passam a se identificados com os manuais escolares. (MARTINS, 2004, p. 25). [...]

Nas turmas menores, a leitura geralmente é feita pelo professor. O grande problema, aí, é que o professor, ao ler o texto, imprime nele a sua marca, ou seja, demonstra, pela entonação, pelas pausas e pelo gesto, o valor que atribui a certas passagens em detrimento de outras, o juízo que faz acerca dessa ou daquela atitude do personagem, e, muitas vezes, interpõe comentários no meio da leitura. Nesse caso, o texto chega a criança por meio de “uma lente”, que é o professor, que só permite que ela veja o que ele próprio vê, impedindo-a de fazer uma leitura própria, diferente, livre. (VILLARDI, 1999, p. 22).

### **2.3 Livro didático: forma ou destrói o gosto pela leitura?**

Conforme Silva, Sparano, Carbonari, Cerri (2001, p. 35) “[...] O livro didático passou dessa maneira, a ser um dos principais instrumentos de ensino e aprendizagem nas nossas escolas”.

Silva (1999) acrescenta “[...] De fato, a pedagogia que orienta o trabalho docente nas escolas tem no livro didático o seu sustentáculo maior, senão exclusivo. [...]”.

Martins (2004), também expõe como são os textos e esses “manuais escolares”, ou seja, o livro didático.

Esses textos condensados, supostamente digeríveis, dão a ilusão de tornar seus usuários aptos a conhecer, apreciar e até ensinar as mais diferentes disciplinas. Na verdade resultam em manuais da ignorância; mais inibem do que incentivam o gosto de ler. Geralmente transmitindo uma visão de mundo anacrônica, repressiva, tais livros estão repletos de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias, mesmo quando mascarados por recursos formais ou temáticos atuais e não conservadores. Subjaz a intenção de manipular a leitura, a ponto de seus organizadores deturparem os textos transcritos, num franco desrespeito aos autores e leitores, sob o pretexto de resguardar princípios ditos inabaláveis, mas que a realidade revela inconsistentes. (MARTINS, 2004, p. 25 e 26).

Segundo Magnani (2001), o que mais encontra nos livros didáticos são fragmentos e adaptações dos textos originais, não havendo uma visão de totalidade. Embora pareça que o livro didático mantém o aluno ocupado e auxilie no trabalho do professor, sobretudo não garante uma leitura crítica e que transforme a realidade, despertando assim o prazer de ler e escrever.

Muitos educadores consideram tais livros como “um mal necessário”, mas encobre-se o receio de diálogo franco e crítico entre professor e aluno, impossibilitando assim, de se desenvolverem verdadeiros leitores, deixando eles de se tornar mediadores da leitura. (MARTINS, 2004).

Assim, aquilo que sei ou penso que sei sobre o ato de ler ou, ainda, a forma pela qual eu concebo ou leio a leitura enriquece ou empobrece, dinamiza ou paralisa, dirige ou desvia, conscientiza ou serve para alienar as ações relacionadas com a formação de leitores. (SILVA, 2003, p. 47).

Silva (2003) acrescenta que existem metodologias aplicadas com relação à leitura, que ao invés de formar o leitor, acabam aniquilando a sua possibilidade de leitura. Ao que Villardi (1999) acrescenta:

[...] E o que é pior: à medida que os alunos avançam na escolaridade, menor a ligação que têm com a leitura, como se os procedimentos pedagógicos adotados, ao

invés de aproximar os estudantes, fossem, aos poucos, afastando-os dos livros, criando entre eles uma relação de enfado e desinteresse. (VILLARDI, 1999, p. 4).

Segundo Silva, Sparano, Carbonari, Cerri (2001, p. 63 - 64) “A presença quase onipotente do livro didático na escola inibe a iniciativa do professor de criar um trabalho próprio com os textos, trazendo conseqüências para o educando, cuja criatividade fica também limitada aos horizontes que o material delinea”.

Silva (1999) acrescenta “[...] Se os livros didáticos (por si só) resolvessem as complexas relações do ensino-aprendizagem, o Brasil teria, sem dúvida, o melhor sistema educacional do mundo”.

### **3. A Coleção *Linhas & Entrelinhas* – 2004.**

A Coleção *Linhas & Entrelinhas* (2004) foi uma criação de Lúcia Helena Ribeiro Cipriano e Maria Otília Leite Wandresen devido um convite da Editora (na época era Editora Nova Didática só mais tarde é que passou a se chamar Positivo, embora sempre pertencesse ao Grupo Positivo) para escreverem uma coleção.

A escolha do nome da Coleção ocorreu por meio de um consenso das autoras com a Editora porque as mesmas entendem que ler implica “[...] compreender o que está nas entrelinhas das mensagens”.

A respeito da escolha das ilustrações da Coleção, as autoras foram chamadas para opinar, mas nem sempre as sugestões foram atendidas, porque nem sempre são viáveis para a Editora.

Já no caso dos textos e autores, a escolha foi exclusiva das autoras que consideraram a textualidade, tipologia e gênero, procurando mostrar os diferentes gêneros que circulam na sociedade e que são produzidos por diferentes autores.

Nos cinco volumes desta Coleção, o trabalho de Língua Portuguesa se desenvolve por meio das práticas de leitura, produção e reflexão lingüística, por meio de textos de autores variados. São contemplados diferentes gêneros de texto: jornalísticos, literários, epistolares, publicitários, de informação científica, instrucionais, entre outros, selecionados por sua textualidade e agrupados de forma a permitir o trabalho intertextual. Seções especiais procuram desenvolver a oralidade, a produção escrita, a leitura e a compreensão. Atividades diversificadas promovem a construção do conhecimento e, posteriormente, a sistematização. Orientações metodológicas são apresentadas ao longo do livro para que o professor desenvolva as atividades propostas. Há, ainda, o livro do professor que contém apontamentos das autoras sobre a concepção de língua adotada, o processo de aquisição da língua escrita, avaliação, listagem e descrição dos tipos de textos trabalhados.

A Coleção *Linhas & Entrelinhas* é recomendada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

#### **3.1 As autoras**

As autoras da Coleção *Linhas & Entrelinhas* são Lúcia Helena Ribeiro Cipriano e Maria Otília Leite Wandresen.

Lúcia Helena Ribeiro Cipriano, graduada em Letras/Língua Portuguesa, atua no Ensino Fundamental em uma Escola da rede municipal de Curitiba. Nos finais de semana e feriados se dedica, juntamente com Maria Otília reescrevendo a Coleção *Linhas & Entrelinhas* para ser analisada no próximo PNLD. Publicou em conjunto com a Maria Otília, a primeira Coleção (A Palavra no Mundo das Palavras). Há mais ou menos dez anos, mas hoje essa Coleção foi reescrita por outras autoras.

Maria Otília é graduada em História, com licenciatura em Estudos Sociais na Universidade Federal do Paraná, UFPR, no período de 1974 a 1977. É Pós-Graduada em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR, de 2002 a 2003. Fez um curso de Curta Duração no Goethe Institut, Alemanha, em 1983. Nos finais de semana e feriados dedica-se, juntamente com Lúcia Helena a reescrever a Coleção *Linhas & Entrelinhas* para ser analisada no próximo PNLD. Publicou em conjunto com a Lúcia Helena, a Coleção *A Palavra no Mundo das Palavras*, há mais ou menos dez anos. Atualmente é aposentada da rede Municipal de Ensino de Curitiba e trabalha como assessora pedagógica da Editora Positivo.

### 3.2 A Editora

Em dezembro de 1972 nasce o Grupo Positivo, fundado por oito professores, em Curitiba, com o curso pré-vestibular. Inauguram uma pequena gráfica em uma garagem, para suprir a demanda de impressão do material didático.

Em 2004 ocorre a criação da Editora Positivo (que incorpora as empresas Distribuidora Positivo e Editora Nova Didática e centraliza toda a produção editorial da corporação).

Na Área Gráfico-Editorial, o Grupo Positivo atua com duas empresas, a Editora Positivo e a Gráfica Posigraf. Especializada no segmento de educação, a Editora Positivo, fundada em 2004, atua no Brasil e no Exterior por meio de duas divisões de negócios: Sistemas de Ensino e Livros e Periódicos.

Atualmente o Grupo Positivo considera-se o líder no mercado nacional de educação básica atendendo alunos e professores no Brasil, como no Japão e nos Estados Unidos, por meio de seus dois sistemas de ensino: o SPE – Sistema Positivo de Ensino (voltado às escolas particulares) e o SABE – Sistema Aprende Brasil de Ensino (voltado às escolas da rede pública). Também atende alunos em todo o País fornecendo conteúdo pedagógico via seus quatro portais educacionais, o Portal Aprende Brasil, o Portal Educacional, o Portal Universitário e o Portal Positivo. Além de atuarem em três segmentos: educacional, gráfico-editorial e informática.

A Editora Positivo convidou Lúcia Helena Ribeiro Cipriano e Maria Otília Leite Wandresen para escreverem uma Coleção, tendo como resultado a Coleção *Linhas & Entrelinhas*.

### 3.3 Os textos e autores da Coleção

Dentro dos cinco volumes que compõem a Coleção *Linhas & Entrelinhas* – da alfabetização a 4ª série - há 138 textos, de variados gêneros, como: literários, histórias em quadrinhos, receitas, imagens, propagandas, informativos, entrevistas e músicas, escritos por 56 autores, em sua grande maioria atuais, que tiveram publicados seus textos nos anos de 1990.

Entre os textos, 51 são literários, estão distribuídos por unidades dentro dos cinco volumes da seguinte forma: 15 textos encontram-se na Alfabetização, 6, na 1ª série, 12, na 2ª série, 11, na 3ª série, e 7, na 4ª série.

No que se refere aos outros gêneros citados acima, soma-se o total de 87 textos, distribuídos também em unidades dentro dos cinco volumes da seguinte forma: 7, na Alfabetização, 13, na 1ª série, 19, na 2ª série, 22, na 3ª série e 26, na 4ª série.



#### 4. Considerações finais

Esta pesquisa contribuirá para o ensino da leitura no Brasil, tendo como grande relevância a ênfase na necessidade da formação do gosto do leitor, na mais tenra idade, a fim de um despertar tanto dos pais, quanto dos professores e dos leitores a visão sobre a importância da leitura em nossas vidas, como seu amplo domínio nos habilita a ter uma visão crítica das situações existentes ao nosso redor, oferecendo subsídios para se pensar e se repensar a formação do gosto do leitor, a partir da compreensão histórica desse fenômeno para busca de soluções para os problemas relativos à precária habilitação dos leitores e à falta de hábito de leitura.

A fim de enxergar a formação do gosto do leitor conforme Villardi (1999) “[...] Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...]”.

#### Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática: 2002.

BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Trad. M. Manuel e R. Grácio. 5. ed. s.l. Europa-américa, 1987.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: CHIAPPINI, Ligia (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.17-30

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense: 1994.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001. V. 2 ( Aprender e ensinar com textos).

CIPRIANO, Lucia Helena Ribeiro, WANDRESEN, Maria Otília Leite. **Alfabetização**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 5 v. : il. (Coleção Linhas & Entrelinhas).

\_\_\_\_\_. **Língua Portuguesa**. 1ª série. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 5 v. : il. (Coleção Linhas & Entrelinhas).

\_\_\_\_\_. **Língua Portuguesa**. 2ª série. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 5 v. : il. (Coleção Linhas & Entrelinhas).

\_\_\_\_\_. **Língua Portuguesa**. 3ª série. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 5 v. : il. (Coleção Linhas & Entrelinhas).

\_\_\_\_\_. **Língua Portuguesa**. 4ª série. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 5 v. : il. (Coleção Linhas & Entrelinhas).

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

FUNDO Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em:  
<[http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=livro\\_didatico.html](http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=livro_didatico.html)> Acesso: 14 set. 2007.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **Da alfabetização ao gosto pela leitura**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

ROSENFELD, Anatol. **Estrutura e problemas da obra literária**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANDRONI, Laura C.; Machado, Luiz Raul (Org.). **A criança e o livro**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, Ana Claudia da; SPARANO, Magali Elisabete; CARBONARI, Rosemeire; CERRI, Maria Stella Aoki. A leitura do texto didático e didatizado. In: CHIAPPINI, Ligia (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 31-94

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. 8. ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Heliana Maria Brina, MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Org.). *A escolarização da leitura literária – O jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.